

SEGUNDO VESTIBULAR 2003

Nome do candidato

Número da carteira

PROVA DE LÍNGUA PORTUGUESA

CADERNO DE QUESTÕES

INSTRUÇÕES

1. Dobrar este caderno ao meio e cortá-lo na parte superior.
2. Preencher com seu nome e número da carteira os espaços indicados nesta página.
3. Assinar com caneta de tinta azul ou preta a capa do seu Caderno de Respostas, no local indicado.
4. Esta prova contém 10 questões e um tema de redação e terá duração de 4 horas.
5. O candidato somente poderá entregar o Caderno de Respostas e sair do prédio depois de transcorridas 2 horas, contadas a partir do início da prova.
6. Ao sair, o candidato levará este caderno.

LÍNGUA PORTUGUESA

Texto para as questões de números **01** e **02**.

A faca desce macia, cortando sem esforço o pedaço de picanha. Dourada e crocante nas bordas, tenra e úmida no centro. Você põe a carne na boca e mastiga devagar, sentindo o tempero, a maciez, a temperatura. O sumo que escorre dela enche a boca e, com ele, o sabor incomparável. Carne é bom.

Mas que tal assistir à mesma cena sob outra perspectiva? No prato jaz um pedaço de músculo, amputado da região pélvica de um animal bem maior que você. Com a faca, você serra os feixes musculares. A seguir, coloca o tecido morto na boca e começa a dilacerá-lo com os dentes. As fibras musculares, células compridas – de até 4 centímetros – e resistentes, são picadas em pedaços. Na sua boca, a água (que ocupa até 75% da célula) se espalha, carregando organelas celulares e todas as vitaminas, os minerais e a abundante gordura que tornavam o músculo capaz de realizar suas funções, inclusive a de se contrair. Sim, meu caro, por mais que você odeie pensar que a comida no seu prato tenha sido um animal um dia, você está comendo um cadáver.

(Revista *Superinteressante*, abril de 2002.)

01. No texto, há duas versões que tratam do uso da carne bovina como alimento humano.

- a) A segunda versão apresenta o consumo de carne de uma maneira depreciativa. Transcreva duas palavras ou expressões responsáveis por essa visão.
- b) Pode-se considerar uma dessas versões como verdadeira e a outra falsa? Por quê?

02. Na construção de um texto, é quase sempre necessário retomar aquilo que se disse antes e, geralmente, com outras palavras.

- a) Transcreva uma palavra que realiza essa função em relação à palavra *picanha*, no primeiro parágrafo do texto.
- b) Transcreva duas palavras ou expressões que realizam essa função em relação à expressão *pedaço de músculo*, no segundo parágrafo.

03. *A economia argentina já está respirando sem aparelhos. Um dado eloqüente dessa recuperação: o Brasil aumentou em 100% suas exportações para lá em março, em comparação com o mesmo período do ano passado.*

(Revista *Veja*, 02.04.2003.)

Nas tempestades de areia do nosso destino, nas cavernas mais profundas da nossa ancestralidade, nos subterrâneos da nossa aventura, escondem-se delatores e terroristas, carcereiros e torturadores, cassandras e patriotas, usurpadores e fanáticos, predadores e corruptos, seqüestradores e sociopatas. As guerras são a hora da sua plena liberação.*

*Cassandra era uma profetiza troiana que anunciava desgraças e era desacreditada por todos.

(Rodolfo Konder, *Folha de S.Paulo*, 07.04.2003.)

Os dois textos foram escritos com o emprego de linguagem figurada. Para efetivamente compreendê-los, é necessário “decodificar” as figuras que são, nesse caso, metáforas. Depois de fazer isso, explique:

- a) Qual o sentido da frase:
A economia argentina está respirando sem aparelhos.
- b) Qual a tese defendida pelo autor no segundo texto?

04. *Árabe, iorubá, tupi, cantonês, catalão, provençal. A cada vez que você abre a boca para falar o bom e velho português brasileiro, acaba soltando palavras dessas línguas e de outras 30. As palavras estrangeiras aportuguesadas são como fósseis: contam a história dos povos que conviveram com quem falava a “língua de Camões”. Povos guerreiros enriqueceram o nosso vocabulário sobre a guerra. “Canivete”, “bando”, “trégua” e a própria “guerra” vieram dos bárbaros germânicos (suevos e visigodos) que dominaram a Península Ibérica entre os séculos V e VII.*

(Revista *Superinteressante*, abril de 2002. Adaptado.)

Levando em conta o texto lido, responda às seguintes questões:

- a) Qual era a “língua de Camões”?
- b) Por que o autor do texto empregou a palavra *fósseis* para referir-se às palavras estrangeiras?

05. As duas frases a seguir apresentam incoerências:

Nós não temos censura. O que temos é uma limitação do que os jornais podem publicar.

(Louis Net, ex-vice-ministro da Informação da África do Sul.)

Um homem não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, a menos que ele seja uma ave.

(Sir Boy Roche, deputado do Parlamento Britânico.)

- a) Explique a razão da incoerência da primeira frase.
- b) Explique a razão da incoerência da segunda frase.

06. *Há anos que existe vazamentos tóxicos em todos os rios do país, causando danos à fauna e à flora. Precisamos sair da inércia ou essa situação levará-nos a um desastre completo!*

(Carta de leitor a um jornal, comentando desastre ecológico.)

Nesse texto, há duas situações em que a norma padrão do português do Brasil é infringida.

- a) Identifique as áreas da gramática em que ocorrem esses problemas: concordância, regência, pontuação, colocação pronominal, ortografia etc.
- b) Redija novamente o texto, corrigindo-o.

Texto para as questões de números 07 e 08.

Procura da Poesia

Não faça versos sobre acontecimentos,
Não há criação nem morte perante a poesia.
Diante dela, a vida é um sol estático,
não aquece nem ilumina.

As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não
contam.

(...)

Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.

(...)

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?

(Carlos Drummond de Andrade)

07. O poema de Drummond, do qual foram extraídos esses trechos, é uma espécie de profissão de fé poética.

- a) Que idéia de poesia é possível observar desses fragmentos?
- b) Que sentido é possível atribuir aos versos *Cada uma/tem mil faces secretas sob a face neutra?*

08. Nos fragmentos do poema, há vários verbos empregados na 2.^a pessoa do modo imperativo, pressupondo o sujeito *tu*.

- a) Transcreva esses verbos.
- b) Ponha os verbos transcritos, na 3.^a pessoa, pressupondo o sujeito *você*.

09. (...)

Torce, aprimora, alteia, lima

A frase; e, enfim,

No verso de ouro engasta a rima,

Como um rubim.

Quero que a estrofe cristalina,

Dobrada ao jeito

Do ourives, saia da oficina

Sem um defeito:

(...)

Assim procedo. Minha pena

Segue esta norma,

Por te servir; Deusa serena,

Serena Forma!

(...)

- a) A qual estilo de época pertencem esses versos?
- b) Transcreva os versos em que o poeta personifica o objeto de sua devoção.

*Desde que no Alto Sertão um rio seca,
a vegetação em volta, embora de unhas,
embora sabres, intratável e agressiva,
faz alto à beira daquele leito tumba.
Faz alto à agressão nata: jamais ocupa
o rio de ossos areia, de areia múmia.*

(João Cabral de Melo Neto)

João Cabral de Melo Neto pretendeu criar uma linguagem para seus poemas que se afastasse um pouco da linguagem usual, por meio de pequenos desvios. Para isso, empregou, às vezes, palavras fora das classes morfológicas a que pertencem.

- Transcreva os fragmentos em que isso acontece.
- Identifique a classe original das palavras e a classe em que João Cabral as utilizou em seu poema.

REDAÇÃO

Leia os três textos a seguir.

Texto 1

Indo pouco à cidade, evitando andar pelas ruas cheias de calor e imprevistos, não o tenho visto. Mas sempre me encontrava com ele, ex-colega de seminário, que não agüentara os estudos e saíra para ganhar a vida aqui no mundo como garçom numa confeitaria de luxo, na Cinelândia dos velhos tempos.

Chamava-se Ricardo, era bem apessoado e bastante religioso. Queria realmente ser padre, mas a cabeça não o ajudava a aprender as declinações latinas, os concílios plenários de Nicéia em diante, os nomes dos rios da margem esquerda do Amazonas – e os da margem direita também.

Até que um professor de história pediu que ele fosse embora, abandonasse de vez os estudos, tentasse ser bom cristão, mas exercendo outro ofício.

Ele nunca esqueceu a gota d'água que fez o professor perder a paciência: depois de uma aula sobre o império Romano, foi perguntado em que ano morrera Agripina. Para ajudá-lo, o professor lembrou-lhe a idade de Cristo, 33 anos. Nem assim Ricardo acertou o ano em que morrera a mãe de Calígula. (...)

Para servir “waffles” com ice-cream de morango ele não precisava saber disso. E sempre que eu o via, vestido de branco, com um enorme avental com a logomarca da confeitaria no peito, pensava nas coisas inúteis que nos obrigam a aprender. (...)

(Carlos Heitor Cony, *Folha de S.Paulo*, 12.04.2003.)

Texto 2

Uma aula é um prato de saberes/sabores que ele (o professor) serve. E os alunos devem comer. E tem muita comida gostosa. Mas, infelizmente, eles são como cozinheiros do exército: são obrigados a cozinhar o que o general manda. É o general que determina o menu que, nas escolas, se chama currículo. O currículo é o conjunto de pratos que os alunos devem comer e digerir. Os cozinheiros/professores, se pudessem, fariam outros pratos. Mas é preciso cumprir o programa e eles são obrigados a servir muitos pratos indigestos e sem sabor, com dígrafos, encontros consonantais, fases de mitose, logaritmos, causas de guerras esquecidas... Esses pratos só são comidos sob ameaça, mas os alunos, logo que têm liberdade para comer *à la carte*, jamais os pedem e os esquecem para sempre.

(Rubem Alves, *O Amor que Acende a Lua*.)

Texto 3

A realização tem que ser baseada nos pontos fortes do estudante – como sabem, há milênios, todos os professores de artistas, todos os treinadores de atletas, todos os mentores. Na verdade, encontrar os pontos fortes do estudante e focalizá-los na realização é a melhor definição de professor e de ensinar. É a definição que está no “Diálogo do Professor”, escrito por um dos maiores professores da tradição ocidental, Santo Agostinho de Hipona (354-430). É claro que as escolas e seus professores sabem disso. Mas eles raramente puderam focalizar os pontos fortes dos estudantes e desafiá-los. Em vez disso, eles sempre tiveram que focalizar os pontos fracos. Quase todo o tempo, nas salas de aula tradicionais do ocidente – pelo menos até o curso de graduação na universidade – é gasto na correção de pontos fracos. É gasto na produção de mediocridade respeitável.

(Peter Drucker, *Sociedade Pós-Capitalista*.)

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Com base na leitura dos textos apresentados, escreva um texto dissertativo que deverá ter o seguinte título:

A ESCOLA E A VIDA – O QUE É IMPORTANTE APRENDER.

Sua redação deverá ser redigida em prosa e obedecer aos padrões da norma culta do português do Brasil.